

# O luto não reconhecido pela morte do animal de estimação: Um estudo com tutoras de animais na cidade de Canguçu-RS

*Unrecognized grief after the pet's death:  
A study with animal tutors in the city of Canguçu-RS*

*Dolor no reconocido por la muerte de la mascota:  
Un estudio con tutores de animales  
en la ciudad de Canguçu-RS*

*Dioni Mateus Kammer Lapa\**  
*Maria Teresa Duarte Nogueira\*\**

## Resumo

*O objetivo desta pesquisa foi o de investigar a existência de impactos psicológicos resultantes do não reconhecimento do luto pela perda de um animal de estimação. Trata-se de um estudo de caso com uma abordagem qualitativa. A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Canguçu, na região sul do estado do Rio Grande do Sul. Fizeram parte do estudo 5 pessoas do sexo feminino, com idades entre 30 e 60 anos, que tiveram a perda de um animal de estimação nos últimos 12 meses. Essa amostra foi escolhida de forma aleatória, oriunda dos cadastros de duas clínicas veterinárias do município. Todas as participantes foram convidadas ao estudo, autorizando através do termo de Consentimento Livre Esclarecido sua participação. Foi utilizada uma entrevista semiestruturada, a qual foi gravada e os áudios das mesmas foram transcritos, os dados obtidos foram analisados e divididos em categorias. Este estudo foi aprovado por comitê de ética em pesquisa. Os resultados obtidos evidenciam que, em relação ao reconhecimento social, ficou evidente a falta de empatia por parte da*

---

\* Universidade Federal de Pelotas, RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0417-9426>. E-mail: [mateuskammer@gmail.com](mailto:mateuskammer@gmail.com)

\*\* Universidade Federal de Pelotas, RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0172-6973>. E-mail: [mtdnogueira@gmail.com](mailto:mtdnogueira@gmail.com)

sociedade, não legitimando esse pesar. Notam-se alguns impactos significativos pelo não reconhecimento do luto, como isolamento, receio, tristeza, culpa, dor por esconder seu sofrimento e sentimento de incompreensão.

**Palavras-chaves:** luto; animal de estimação; sofrimento.

## Abstract

*The objective of this research is to investigate the existence of psychological impacts resulting from not recognizing grief after the loss of a pet. This is a case study with a qualitative approach. The research was carried out in the city of Canguçu in the southern region of Rio Grande do Sul, in Brazil. The study featured 5 women aged between 30 and 60 years old, who had lost a pet in the previous 12 months. This sample was randomly chosen, from the records of two veterinary clinics in the city. All participants were invited to participate in the study, authorizing it through the Informed Consent form. A semi-structured interview was conducted, which was recorded, and audio from the interviews was transcribed, while obtained data were analyzed and divided into categories. This study was approved by a research ethics committee. The obtained results show that in relation to social recognition, the lack of empathy from society was evident, not legitimizing this type of grief. There are some significant impacts due to the failure in recognizing grief, such as: isolation, fear, sadness, guilt, pain for hiding their suffering and feeling of incomprehension.*

**Keywords:** grief; pet; suffering.

## Resumen

*El objetivo de esta investigación fue investigar la existencia de impactos psicológicos derivados de no reconocer el duelo por la pérdida de una mascota. Este es un estudio de caso con un enfoque cualitativo. La investigación se realizó en la ciudad de Canguçu en la región sur de Rio Grande do Sul. El estudio incluyó a 5 mujeres de entre 30 y 60 años, que habían perdido una mascota en los últimos 12 meses. Esta muestra se eligió al azar, de los registros de dos clínicas veterinarias de la ciudad. Todos los participantes fueron invitados a participar en el estudio, autorizándolo a través del formulario de Consentimiento Informado. Se utilizó una entrevista semiestructurada, en la cual se grabó y se transcribieron los audios de las entrevistas, se analizaron los datos obtenidos y se dividieron en categorías. Este estudio fue aprobado por un comité de ética en investigación. Los resultados obtenidos muestran qué en relación al reconocimiento social, la falta de empatía por parte de la sociedad fue evidente, no legitimando este duelo. Existen algunos impactos significativos por la falta de reconocimiento del duelo, tales como: aislamiento, miedo, tristeza, culpa, dolor por ocultar su sufrimiento y sentimiento de incompreensión.*

**Palabras clave:** duelo; mascota; sufrimiento.

Este estudo pretende abordar a temática do luto não reconhecido pela morte de animais de estimação. Ao perder um animal de estimação, com o qual o tutor tenha um vínculo instituído, este poderá passar por um processo de luto, seja pela perda do animal ou por tudo que ele representa. Com a morte, desfaz-se não apenas a sua presença física, mas, também, rompe-se a convivência, a rotina é mudada e acontece a ruptura desses vínculos significativos para o tutor.

A presença de um vínculo, e o rompimento dele, é um forte fator para se estabelecer um processo de luto. Diante do luto, é inevitável o sofrimento, a dor e a saudade pela perda do objeto. Essas manifestações são naturais e esperadas, nas quais o enlutado irá vivenciando esse processo. Encontrar, no âmbito social, reconhecimento e espaço para viver o pesar, sentindo-se acolhido e conseguindo espaço para compartilhar os sentimentos em relação à perda, permite, ao enlutado, uma melhor vivência do luto. A sociedade, através da sua cultura, normas e regras, estabelece como e por quem é aceitável lamentar a perda. Diante disso, muitos tutores de animais de estimação não encontram reconhecimento do seu luto, encontrando dificuldade de expressar seus sentimentos e sentindo, até mesmo, vergonha de vivê-lo pela perda dos seus animais. Então, vive-se um processo de luto não reconhecido, em que é ausente o acolhimento e a empatia no seu contexto social.

O luto que não é permitido e reconhecido pelas barreiras sociais impostas, como o não reconhecimento total de sua dor, por ser um animal de estimação, e a dificuldade ou a vergonha de realizar um ritual de despedida facilitam para que esse momento não tenha expressão por parte do enlutado. Manter-se em silêncio pode ser a decisão tomada quando não há reconhecimento pleno da dor e, com isso, o sofrer calado pode ser um período de grande dificuldade, tanto em seu cotidiano, como na elaboração do luto.

Com base nisso, o problema central levantado por essa pesquisa foi: “como o luto não reconhecido pela morte de um animal de estimação pode gerar impactos psicológicos no tutor que vivencia a perda?”. Considerando que as relações com os animais de estimação nos levam à formação de laços afetivos e estabelecem um vínculo, e o seu rompimento pode desencadear um processo de luto, bem como o não reconhecimento desse pesar pode gerar um luto complicado e doenças psicossomáticas. A pesquisa foi

importante para investigar o processo de luto não reconhecido, compreendendo a forma pela qual o enlutado viveu esse processo, como e em quem encontrou reconhecimento do seu pesar, quais as consequências, segundo a sua percepção, e a existência de impactos psicológicos resultantes do não reconhecimento do luto.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nas civilizações mais antigas, já existia a ligação do homem com os animais, conforme identificada por registros históricos, que demonstram essas relações de afeto. Os animais sempre foram importantes para a humanidade, sendo representados como seres poderosos, divindade e deuses (Dotti, 2005). No decorrer da história, os animais tiveram variadas atribuições, dispostos como fontes de alimentos, temidos e amados, até ocuparem um lugar de proteção dentro dos lares (Caetano, 2010). O vínculo entre humanos e animais passa a ter o reconhecimento na atualidade (Grant & Olsen, 1999).

Hoje, os animais passaram a ocupar outro lugar na rotina das pessoas, saindo de locais destinados a eles nas fazendas para os pátios das casas e, em seguida, ocupando lugar dentro das casas das pessoas (Dotti, 2005). A domesticação gerou uma mudança na relação com o animal, permitindo que ele alcançasse um novo papel, no qual entra para o grupo familiar (Delarissa, 2003). Com o ganho de expressividade na atualidade, essa relação entre humano e animais passou a ser influenciada pela cultura, cujo resultado foi uma maior vinculação e eles passam a ser membros da família (Franco & Oliveira, 2015).

O animal possui uma capacidade de interação social e precisa de cuidados continuados, tornando-se motivo de apego (Garcia, 2009). Constituir o vínculo com um animal pode ser comparado a uma relação entre as pessoas, passando pela vontade de conquistar e ser conquistado, período para se conhecerem, tempo destinado à atenção, carinho, cuidados, enfim, é constituído um vínculo no qual os laços e afetos estabelecidos nessa relação são fortemente estudados (Dotti, 2005). Trata-se de duas espécies diferentes em convívio, humano e animal, possuindo diferenças cognitivas e sensoriais,

porém, cada integrante participando do seu modo, promovendo essa relação (Ades & Savalli, 2016). Através da emoção e afeto, essa ligação se dá por meio de laços sociais, sendo que, juntamente com uma boa relação com os animais de estimação, existirá uma grande vontade de que eles vivam por tempo maior que suas condições naturais (Dotti, 2005). A morte do animal, com o qual a pessoa possuía um vínculo, pode gerar um processo de luto, pois, com o rompimento do vínculo, um processo de luto pode ser desencadeado (Bromberg, 1996). Junto com a perda do animal, perder-se-á a convivência e o amor do mesmo (Franco & Oliveira, 2015).

O luto pode ser entendido como uma reação ao rompimento do vínculo afetivo, através da perda por separação ou afastamento, o indivíduo fica afastado do objeto que lhe dá significado (Bomlby, 2006). É definido como um conjunto de reações emocionais, físicas, comportamentais e sociais, surgindo como uma resposta a uma perda importante (Parkes, 1998). É uma resposta natural à ausência de alguém ou algo significativo (Strauch, 2017). É um processo fluido e não um estado (Wordem, 2013).

O lidar com a morte é diferente em cada cultura, com suas crenças, expectativas e entendimentos (Rosenblatt, 1997). A forma de viver o luto é diferente de uma pessoa para outra, pois implica a subjetividade do sujeito, porém, mesmo nas diversas formas, esse momento é marcado como um período intenso e doloroso (Corrêa, 2012). Uma série de sentimentos, sensações físicas, cognitivas e comportamentos fazem parte do processo de luto: sentimentos como tristeza, raiva, culpa, ansiedade, solidão, fadiga, desamparo, choque, saudade, libertação, alívio, torpor; aspectos cognitivos como a descrença, confusão, preocupação, sensação de presença e alucinações; comportamentos como distúrbio do sono, distúrbio de apetite, ausência de pensamento, isolamento social, sonhos com o morto, evitação de lembranças, procurar e chamar, suspiro, agitação e choro (Wordem, 2013). Ainda, para o autor, alguns fatores são determinantes no processo do luto, os quais podem determinar as diferentes maneiras de vivenciar esse processo, sendo eles: quem era a pessoa que morreu, natureza do vínculo, como a pessoa morreu, antecedentes históricos, variáveis de personalidade,

variáveis sociais e estressores concorrentes. “A dor do luto é tanto parte da vida quanto a alegria de viver; é, talvez, o preço que pagamos pelo amor, o preço do compromisso” (Parkes, 1998, p. 22).

Ao morrer o animal de estimação, surge um vazio com o rompimento desse vínculo, aflorando a dor pela perda e o sofrimento, onde, frequentemente, o tutor do animal não encontra um espaço para expressar seus sentimentos e viver esse luto (Franco & Oliveira, 2015). Ainda, para as autoras, quando o enlutado não encontra um espaço para expressar e viver o pesar, sem ser acolhido em sua dor, guardará esse sentimento para si, podendo desenvolver doenças psicossomáticas, bem como passar por um processo de luto complicado. Ficar triste, chorar e sentir saudade são expressões naturais no processo de luto e, portanto, é esperado que isso ocorra. Porém, quando a pessoa não consegue se reorganizar nesse processo, apresentando essa desorganização por um tempo prolongado, não sendo capaz de voltar a realizar as suas atividades com a eficiência que realizava antes da perda, poderá estar passando por um processo de luto complicado (Franco M. H., 2010). No luto complicado, alguns aspectos podem ser observados: o enlutado expressa sentimentos intensos após muito tempo da perda, poderá apresentar mudanças consideráveis no seu estilo de vida com uma propensão ao isolamento, episódios depressivos, constantes somatizações e inclinação à autodestruição (Worden, 2013). A morte do animal pode gerar, na pessoa, sofrimento de tal intensidade à perda de uma pessoa, dependendo do papel que o animal desempenha no cotidiano do indivíduo (Vecchio, 2018).

Vivenciar o processo de perda, sem ter um espaço para expressar a tristeza e a dor, pode gerar consequências para o enlutado, entre elas, uma maior possibilidade de adoecimento (Kovács, 2003). O termo “luto não autorizado” foi estabelecido por Doka (1989), também chamado de luto não reconhecido, e “é aquele no qual o enlutado tem vedada a oportunidade de vivenciar seu luto. Isso se dá por uma restrição da sociedade ao seu tipo de luto, como em relações não validadas ou aceitas” (Parkes, *One Life Alive*, 2017). Essa perda não é, ou não pode ser reconhecida frente às normas e imposições da sociedade, não tendo espaço para ser lamentada publicamente e não tendo apoio no âmbito social (Doka, 1989). É dispor, frente ao

processo de luto, o fracasso da empatia, não sendo capaz de compreender e acolher a vivência do enlutado, tornando esse processo como um pesar não autorizado, proibido e não reconhecido, no qual, com o não reconhecimento de uma perda, o enlutado não terá aceitação e suporte adequado, vivenciará o fracasso do ambiente social, resultando em um processo de luto, no qual farão parte os sentimentos de alienação e solidão (Casellato, 2015). Ainda, para a autora, esse fenômeno psicossocial possui o desafio de reconhecer o sofrimento do indivíduo diante de uma perda. Quando a perda não é reconhecida socialmente, e espera-se, de uma forma rígida, de como o enlutado deve agir, impondo normas e regras, a elaboração dessa perda será um processo difícil, podendo impedir que o mesmo consiga se reestruturar de uma forma adequada, não conseguindo dar um novo significado ao rompimento dessa relação com o objeto perdido (Franco M. H., 2002). O luto não reconhecido tem grande chance de ter complicações, devido ao fato de não ter oportunidades e tampouco um espaço social, podendo ocorrer adoecimento físico e psicológico (Prade, 2015).

Cabe salientar que esse processo não ocorre apenas com a perda do animal de estimação, mas, para muitos tutores, ao depararem-se com a possibilidade da finitude de seu animal, poderá haver um processo de luto antes mesmo da perda, o que se denomina luto antecipatório. Compreende-se por luto antecipatório o luto que começa antes da perda (Worden, 2013). Diante de um diagnóstico em que não há uma possibilidade de vida para o animal, o tutor irá vivenciar perdas referentes a como era o animal antes disso, como está sendo durante esse diagnóstico até a sua morte, surgindo um sentimento de impotência (Franco & Oliveira, 2015).

Legitimar o sofrimento de perder um animal de estimação, permitindo ter um reconhecimento pleno da dor e sofrimento do enlutado, no âmbito social, é permitir que haja uma postura de empatia e acolhimento. Portanto, o objetivo dessa pesquisa foi investigar a existência de impactos psicológicos resultantes do não reconhecimento do luto pela perda de um animal de estimação.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo de caso com uma abordagem qualitativa. A pesquisa em pauta foi desenvolvida na cidade de Canguçu, na região sul do estado do Rio Grande do Sul. Fizeram parte do estudo 5 pessoas do sexo feminino, com idades entre 30 e 60 anos, que tiveram a perda de um animal de estimação nos últimos 12 meses. Essa amostra foi escolhida de forma aleatória, oriunda dos cadastros de duas clínicas veterinárias do município. Todas as participantes foram convidadas ao estudo, autorizando através do termo de Consentimento Livre Esclarecido a sua participação. Após a autorização, foi realizada, com cada participante, uma entrevista semiestruturada, a qual foi gravada, mediante autorização da participante.

Os áudios das entrevistas foram transcritos e os dados obtidos foram analisados e divididos em categorias com base na análise de conteúdo de Bardin (2011). O processo de análise foi estruturado em 5 etapas: preparação das informações; transformação do conteúdo em unidades; classificação das unidades em categorias; descrição e interpretação (Moraes, 1999).

Este estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa. Foram assegurados todos os aspectos éticos que norteiam pesquisas envolvendo seres humanos, conforme a resolução n° 466 (Brasil, Conselho Nacional de Saúde, 2013), garantindo a integridade de todos as participantes. A pesquisa preservou a identidade das participantes, e os conteúdos analisados e dados obtidos foram utilizados seguindo as normas éticas para a utilização dos resultados em trabalhos escritos.

## RESULTADOS

Para melhor compreensão e acompanhamento dos resultados, obtidos a partir de entrevistas realizadas com as cinco tutoras de animais de estimação, estes serão apresentados em 4 categorias: relação com o animal; lidando com a perda; a vivência do luto; reconhecimento social do luto. Como forma de garantir o sigilo das participantes, elas serão apresentadas como Tutora 1, Tutora 2, Tutora 3, Tutora 4 e Tutora 5.



**Relação com o animal:** Por se tratar de um fator importante para a vinculação e o afeto com o animal, a relação com o mesmo foi abordada por todas as tutoras, em que todas definiram essa relação com seu animal de estimação como uma relação de mãe e filho. *“Eu não tinha ele como um animalzinho, era um bebê para a gente em casa, um filho. Não era só um bichinho, era um bebezinho, a gente chamava como um bebezinho, nosso filho. Ela representou para mim muita coisa... sabe quando tu recebes o amor de um filho? Um carinho? Ela representava tudo para mim, uma filha da gente, era como a gente”* (Tutora 1). *“Eu digo que ele era nosso filho (...) ele era um filho e vai ser eternamente o nosso filho. Ele representa tudo, essa é a palavra, representa muita mais que muitas pessoas vão representar ou representaram, é meu filho (...) eternamente meu filho, e a perda vai ser essa, uma mãe que perdeu um filho”* (Tutora 2). *“Não, eu não queria perder o meu filho de jeito nenhum. Mesmo doente, ele ficava na janela até a hora da mãe chegar (...), quer amor mais lindo do que esse? Que falta do meu filho, do meu bebê, uma falta imensa!”* (Tutora 3). *“Para mim ele era um filho, se alguém achar que eu estou louca, que é demais, para mim é indiferente (...) era meu filho. Eu sinto um luto como alguém da minha família”* (Tutora 4). *“Eu perdi um cachorro, era mais que um cachorro, era um filho, um companheiro. É como se tivesse perdendo um filho (...) é um sentimento de ter perdido um filho”* (Tutora 5).

A convivência das tutoras com seus animais de estimação ocupava uma dimensão de mãe e filho, na qual os animais tinham papéis importantes na vida dessas tutoras, como filhos, amigos e companheiros.

**Lidando com a perda:** no que diz respeito ao tempo em que ocorreu a perda em relação ao dia da entrevista, duas tutoras relataram que ocorrera há 3 meses, outras duas relataram que ocorrera há 4 meses e uma tutora relatou que a perda ocorrera há 10 meses. Frente a essas perdas, foi possível notar um conjunto de reações, sendo elas de ordem emocional, física ou comportamental. A tutora 1 relata ter o sentimento de medo de ficar doente, decorrente do sofrimento do luto, medo de vir a precisar de ajuda. *“Eu tenho medo de ficar doente, sabe? De precisar de ajuda (...) agora eu tenho medo, pois não tenho ela para conversar, desabafar (...)*

*está faltando um pedaço, sabe? Alguma coisa está faltando em mim (...), medo de ficar doente, de precisar e ela não vai estar perto de mim (...), parece que sempre tem algo para acontecer, uma angústia. Parece que não terei mais em quem me apoiar*". A tutora 2 relata que criou algumas estratégias para lidar com o sentimento da perda. *"Então, eu criei algumas coisas, algumas válvulas de escape, uma das coisas é a ida pra academia, é onde eu ponho meus fones de ouvido, esqueço tudo, é a única coisa que me conforta*". Ela relata o sofrimento intenso ao lidar com a perda e o quanto isso foi se agravando: *"Eu chorei um mês inteiro, todos os dias eu chorava sem alívio (...) eu fui fazendo as outras coisas e foi passando despercebido, e aí, quando começou a juntar, que eu fui vendo que eu não estava tão bem quanto eu imaginava né (...) foi quando procurei ajuda psiquiátrica*". A tutora 3 relata o quanto o lidar com a morte do animal de estimação tem sido um sofrimento mais difícil do que das outras perdas com as quais ela já lidou: *"então, é uma coisa assim, hó, que eu vou te dizer, sinceramente, eu sinto muito mais a morte dele do que a do meu pai e do meu irmão. É uma coisa assim que machuca, machuca, machuca (...) eu não posso sair na rua, porque se eu vejo um cachorro, eu fico assim, eu fico tremendo e me dá uma coisa assim, parece que vai me dar uma coisa, que minha cabeça vai explodir*". A tutora 4 relata que sofre intensamente seu pesar: *"Eu sofro muito, a gente lá sofre muito sabe? A gente lembra muito dele, a gente chora junto, mas assim, eu sinto aquela dor grande porque eu já associo tudo junto*". A tutora 5 relata que sabe que precisa aceitar o que aconteceu, mas que, para ela, é como se o seu animal de estimação fosse voltar, e que ter essa esperança acaba causando maior sofrimento: *"Eu fico imaginando que ele vai voltar, às vezes vejo um animalzinho da mesma cor, daí eu paro, porque sabe, né, a gente tem esperança, né (...) é pior, pois acaba te magoando mais quando volta para a realidade*".

Todas as tutoras relataram estarem com seu humor deprimido, segundo suas percepções. *"Me sinto deprimida (...), espero que saia esta angústia"* (Tutora 1). *"Tô fazendo tratamento por seis meses, porque eu estava entrando numa crise de pânico, sofro de depressão (...), então isso virou uma bola de neve, tudo depois da morte dele, de lá pra cá, que eu comecei a sentir fisicamente e mentalmente"* (Tutora 2). *"E agora eu tô*

assim bem pra baixo, né, realmente eu tô bem pra baixo, deprimida. Eu acho que é depressão, eu acho que tô com uma depressão. Eu superei a morte da minha mãe, do meu pai, em dois meses eu tava legal, e agora com a morte dele eu não consigo. Fiquei uma semana sem tomar banho, sabe? (...) não tenho mais vontade, não tomo, sabe? (...) era a coisa que eu mais gostava era de me pintar, tomar um banho, ficar cheirosa, agora, nada” (Tutora 3). “Eu hoje, eu me acho uma pessoa muito triste, né, o cachorro foi o estopim pra despertar angústia, tristeza, aquela coisa toda, eu tomo remédio pra depressão” (Tutora 4). “Passei uma semana que eu não queria fazer nada, não atendia o telefone, até hoje, quando lembro dele, eu imagino ele chegando. Tenho uma mágoa grande com essa perda (...), tem dias que não posso lembrar dele (...) não posso lembrar, me magoa muito, me machuca muito, eu evito lembrar. Nunca voltei 100%, ainda tem momento que recaí, ainda dói muito” (Tutora 5).

**A vivência do luto:** diante da perda, as tutoras realizaram alguns rituais de despedidas. “A mãe tá aqui, vai descansar pra sempre, tu tá sofrendo e a mãe não quer que tu sofra – aí eu fui me sentar e olhei ela morrendo. Aí eu só peguei ela, dei um beijo na testa dela, me virei e quando eu vi, ela tava morta (...) a gente enterrou no pátio, na caminha dela, enrolada na mantinha dela (...)até hoje eu coloco três pedacinhos de carne ali” (Tutora 1). “Eu digo que velei ele a noite inteirinha, ele foi velado. Eu passei a noite com ele na garagem, literalmente eu velei ele. Aí no outro dia a gente resolveu fazer tudo conforme faria com qualquer outra pessoa, só não enterrei no cemitério porque não tinha. Então a gente procurou no sítio do meu sogro o lugar mais bonito e fizemos o enterro dele, fizemos uma plaquinha (...) tudo o que ele brincava a gente colocou junto dele, assim ele se sente acolhido” (Tutora 2). “Ele veio com nós de táxi, foi até os taxistas amigos nossos que fizeram a covinha para enterrar ele (...), fizeram a covinha dele assim, tudo direitinho (...) fizeram a covinha e a gente enterrou ele, com um ursinho. Disse: agora para a gente se sentir, só espiritualmente. Se eu fiz algo errado me perdoa tá. Me perdoa” (Tutora 3). “Ele estava no fundo da piscina (...), subi, peguei uma toalha, peguei o secador, sequei ele bem sequinho, né. Meu marido pegou umas tábuas, fez

*um caixãozinho. E eu sofro muito, enterrei o cachorro nos fundos da minha casa. Ele não era só um animal. Nós colocamos ele, não foi bem um caixão, mas para não deixar ele direto na terra, aí eu peguei as coisinhas dele e coloquei junto, isto aí foi muito forte”* (Tutora 4). *“Aí a gente enterrou ele lá pertinho de casa, num mato, que eu não posso nem passar lá perto. Eu enrolei ele num pano, num pano que ele tinha, que era a caminha dele (...) pra mim ele tava dormindo, mas não tava. Meu marido e meu sobrinho abriram, cavaram sabe, pra deixar ele lá, daí começou a chover muito no outro dia e me doía muito ver que tava chovendo e eu tinha deixado ele lá, que tinha abandonado ele”* (Tutora 5).

Após a morte do animal de estimação, duas tutoras suspenderam as atividades, duas não as suspenderam e uma não teve a possibilidade de escolha. *“Sim, abandonei todas minhas atividades”* (Tutora 3). *“Eu fiquei três dias fora do ar, só queria ficar deitada (...) eu fiquei sem atender telefone, não respondia WhatsApp (...) quinze dias fiquei assim, não tendo graça pra nada”* (Tutora 5). *“Não, é porque eu acho que a vida segue, sabe? A vida segue e a gente tem que ir, seguir, porque não adianta parar, porque não vai resolver nada, né.”* (Tutora 1). *“Não, eu segui normal. Eu tinha um aniversário, eu fui (...) no outro dia trabalhei normal, né? (...) aquela coisa apertada, aquela angústia, aquela coisa que eu até nem sei explicar”* (Tutora 4). *“Foi horrível, desde o momento que eu enterrei ele lá, virei as costas e disse – preciso trabalhar- aquele dia para mim eu tava com o corpo presente fazendo uma obrigação minha, mas minha mente estava em qualquer outro lugar que não fosse ali”* (Tutora 2).

**Reconhecimento social do luto:** em relação aos espaços de fala e quais foram as pessoas que acolheram as enlutadas, nesse período, notamos as seguintes questões na fala das tutoras: *“Eu tive um espaço porque tenho bastantes vizinhos ali, a gente conversa entre vizinhos”* (Tutora 1). *“Eu me lembro que muitas amigas minhas que também têm os pets eram as únicas que me escutavam (...) meu marido, né, que é meu alicerce (...) meus pais porque ele era neto, né, os meus sogros também”* (Tutora 2). *“Agora eu tô falando contigo, foi com alguns amigos, mas vizinho meu nenhum ali, nenhum, nenhum”* (Tutora 3). *“Nós tivemos um apoio, assim,*

familiar, da família. Eu ajudava meu marido e meu marido me ajudava, nós ajudávamos o meu filho, né, para os outros, tu chegava, tu falava e, ah, era só um cachorro, mas era só um cachorro para os outros, para mim não era” (Tutora 4). “Na minha casa, na minha família, meus amigos, eles entenderam (...) os de fora não entendem muito” (Tutora 5).

No que diz respeito ao reconhecimento do luto pela sociedade, além das pessoas que fazem parte da família e amigos íntimos, as tutoras relatam que a sociedade, de forma geral, não demonstra empatia para o luto pela morte do animal de estimação, não legitimando esse pesar. “Eles não aceitam, eles acham que animal é animal. É muita pouca gente que aceita, é a minoria, porque a maioria, não, não vê isso como um luto, não aceita, sabe?” (Tutora 1). “40% da sociedade aceita, entende, 60 % da população, não, não aceita, não entende (...) me falaram - não pode ser, não existe isso, se fosse um pai, mas é um cachorro – não gente, é meu filho, me deixa eu com meu sofrimento” (Tutora 2). “E às vezes, quando falo, as pessoas chegam e me dizem – ah, mas era só um cachorro – e tu sabe que não é só um cachorro. É como eu te disse, né, tem uns que aceitam, outros não aceitam, a maioria não aceita” (Tutora 3). “Tu chegava para os outros e falava e daí diziam - era só um cachorro – para mim ele era muito especial. Eu acho que a sociedade impede, eu acho que impede, acho que tinha que debater mais isso, tinha que ter grupos de pessoas, né, faz falta um grupo para poder falar tuas angústias, para tentar ajudar, sobre luto de animal acho que não tem, né?” (Tutora 4). “Os de fora não entendem muito. As pessoas levam no ar de deboche, de coisa assim, que é frescura, que é coisa assim” (Tutora 5).

As tutoras relataram que a sociedade não se mostra empática frente ao luto pela morte do animal de estimação, pelo menos não o suficiente para legitimar o sofrimento como real, intenso e desafiador. Frente a isso, o apoio veio de pessoas íntimas, do cotidiano. O fato de vivenciarem o luto pela morte do animal de estimação, de uma maneira não legitimada socialmente, acabou potencializando alguns sentimentos. “Um pouco sim, mas tive a sorte da maioria das pessoas do meu convívio compartilharem do mesmo carinho pelos animais, o que acho que foi agravando um pouco o luto, foi o receio de falar abertamente, com as pessoas que não têm

*esse mesmo sentimento, com medo que alguma não entendesse a perda” (Tutora 1). “Gerou tristeza e isolamento, meses depois foi que descobri a depressão, ansiedade, foi como uma bola de neve (...) eu me isolei muito, como as pessoas não entendem, né, esse sofrimento, também não entendem por que você está assim. Tu começa a te culpar por sofrer por uma coisa que a sociedade não deixa tu sofrer” (Tutora 2). “Aí eu comecei a falar, os meus olhos se encheram de lágrimas, aí uma vizinha minha disse: pelo amor de Deus, né, tu não vai inventar de chorar por causa que o cachorro morreu, né?” Têm pessoas que tu não pode nem abrir a boca, porque eu acho que se eles pudessem te dar um tiro na cabeça, porque tu chora por um cachorro (...). Aí simplesmente me isolei né, nem vontade de sair na rua (...) o que dói é tu procurar ajuda psicológica e alguns profissionais acharem que é frescura tua” (Tutora 3). “Eu acho que intensifica sabe, porque eu vivi aquilo ali, eu me fechei naquilo, naquela dor. As pessoas não se sensibilizam, agem como se não tivesse acontecido nada, a gente então se isola né” (Tutora 4). “A sociedade não aceita, sabe, acha que é bobagem, e as pessoas não entendem. Isso aumenta porque tu tem a dor de perder, sabe, e também a dor de ter que esconder o teu sentimento” (Tutora 5).*

## DISCUSSÃO

O presente estudo analisou o processo de luto pela morte do animal de estimação, bem como os agravantes pelo não reconhecimento do mesmo. Os resultados obtidos evidenciaram a existência de intenso sofrimento diante da perda do animal de estimação, assim como a falta de empatia no âmbito social, resultando no não reconhecimento do luto.

No que diz respeito à relação com o animal, as cinco tutoras tinham uma relação de estimação, como uma relação mãe e filho. Na sociedade atual, houve o aumento nessa interação, as mudanças, geradas através da cultura e por questões referentes às novas estruturas familiares, resultaram em um fortalecimento do vínculo entre as pessoas e animais, permitindo que os animais de estimação ocupassem um novo papel, como membros da família (Franco & Oliveira, 2015).

Frente à perda do animal de estimação, as tutoras demonstraram reações comuns entre si e, também, reações distintas. Todas demonstraram sofrimento intenso e reações chorosas. Reações distintas como medo de ficar doente, vazio, angústia tremor, dificuldade, esperança da volta do animal; e estratégias de enfrentamento compreendem a maneira pela qual as tutoras lidam com a perda. Uma gama de comportamentos envolve o processo de luto e a maneira de lidar com a perda, sentimentos, sensações físicas, questões cognitivas e comportamentais, dentre elas, tristeza, raiva, culpa, ansiedade, solidão, desamparo, saudade, confusão, preocupação, sensação de presença, alucinações e choro (Worden, 2013). Entorpecimento, ansiedade de separação, culpa, raiva e depressão foram reações apresentadas diante da perda da morte do animal de estimação, conforme um estudo sobre o luto por animal e o reconhecimento da perda (Oliveira, 2013). Compreende-se que essas reações são normais e esperadas, que estejam presentes no lidar com a perda.

Ao falarem sobre humor, todas relataram estarem, de alguma forma, com seu humor deprimido, o qual, no caso do estudo, não foi analisado se esse se trata de uma depressão, visto que, reações de tristeza, choro e humor deprimido são parte desse processo. Entre os comportamentos que compreendem o processo do luto, vários deles são semelhantes ao da depressão (Worden, 2013).

Em relação à vivência do luto, esse foi vivenciado, em primeiro momento, por rituais de despedidas. Todas as tutoras enterraram seus animais de estimação juntamente com alguns itens desse animal, brinquedo, coberta, cama. “Os rituais são fundamentais para dar sentido e significado a situações de crise, e a morte se enquadra aí” (Kovács, Vaiciunas, & Alves, 2014, p. 943). Os rituais podem ter uma função de ajuda frente à perda, proporcionando que os sentimentos sejam expressados (Alves, 2012).

A respeito da suspensão de atividades, foi possível notar que essa decisão estava atravessada por diversos fatores determinantes. Uma das tutoras afirmou que essa possibilidade não foi permitida. Outras duas tutoras suspenderam suas atividades, embora reconheçam que suas atividades profissionais facilitaram essa decisão. Outras duas decidiram não suspender suas atividades, entendendo que manter a rotina seria



uma maneira mais fácil de vivenciar esse momento. As reações frente ao luto são multideterminadas, compostas por questões de ordem fisiológica, emocional, cultural e espiritual (Franco M. H., 2010). É importante salientar que, além da subjetividade do indivíduo frente ao luto, bem como suas distintas reações como forma de enfrentamento desse processo, o não reconhecimento do luto, por parte da sociedade, pode implicar, de forma direta, a vivência do mesmo. Entre esses fatores, questões trabalhistas, culturais e religiosas podem, de certa forma, determinar a tomada de decisão em manter, ou suspender, as atividades como trabalho, estudos e afazeres diários.

Ao abordar sobre o reconhecimento social do luto pela morte do animal de estimação, ficou evidente a falta de empatia por parte da sociedade, não legitimando esse pesar. O espaço desse reconhecimento ficou limitado ao núcleo de pessoas mais próximas, pessoas íntimas, sendo elas familiares e amigos. Como o luto é um acontecimento social, pode desencadear-se uma grande vontade de compartilhá-lo com outras pessoas, porém, a percepção do enlutado sobre o apoio social disponível e a satisfação com o mesmo é o fator mais significativo (Worden, 2013).

Quando abordado com as tutoras como elas achavam que a sociedade vê o luto pela morte do animal de estimação, todas afirmaram que não tiveram esse reconhecimento por parte da sociedade, pelo contrário, sentiram-se reprimidas em seu sofrimento. No luto não reconhecido, “observamos que, numa primeira instância, o que fracassa é a empatia, ou seja, a capacidade de compreender o significado e validar a experiência de outra pessoa” (Casellato, 2015, p. 19). Um dos fatores sociais “que complica uma reação ao luto dá-se quando a perda é socialmente negada; em outras palavras, quando a pessoa e os que estão ao seu redor agem como se a perda não tivesse acontecido” (Worden, 2013, p. 93).

Quando há a não legitimação do luto, o enlutado se vê frente a essas barreiras sociais, dificultando seu processo e tornando esse sofrimento impedido de ser expressado. As tutoras apresentaram alguns impactos significativos pelo não reconhecimento do luto. Entre eles, o isolamento foi o mais notável em suas falas. Outros impactos foram o receio de falar, tristeza, sentir dor por ter que esconder o seu sentimento, sentirem-se



incompreendidas, frustração na tentativa de ajuda psicológica, culpa por sofrer o que a sociedade não reconhece, bem como afirmarem que esses sentimentos acabam sendo vividos de formas mais reprimidas e escondidas. Uma das tutoras relata que, após seis meses, desenvolveu depressão, síndrome do pânico. “O enlutado, não encontrando acolhimento para sua dor, pode reprimi-la, desenvolver doenças psicossomáticas que expressam o não dito e, até mesmo, vivenciar um processo de luto complicado” (Franco & Oliveira, 2015, p. 91).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo principal investigar a existência de impactos psicológicos resultantes do não reconhecimento do luto pela perda de um animal de estimação. Embora, na atualidade, as relações das pessoas com os animais tenham ganhado um novo significado e os animais passado a ocupar um papel como integrantes da família, diante da morte do mesmo, o processo de luto é vivenciado de forma diferente, ainda não sendo legitimado pela sociedade como um luto potencial em sofrimento.

Constatou-se, nessa pesquisa, que, diante da perda do animal de estimação, as tutoras não tiveram seu luto reconhecido pela sociedade, ficando limitado apenas aos seus amigos próximos e familiares. A vivência desse luto foi marcada por isolamento social, receio e, até mesmo, culpa por sentirem esse pesar. Além de lidar com a dor da perda, foi preciso lidar com a dor de não poder expressar esse sofrimento abertamente. Com o não reconhecimento do luto, elas se sentiram incompreendidas e tristes.

Diante dos resultados analisados e apresentados, evidencia-se a existência de impactos psicológicos na vivência do luto dessas tutoras.

## REFERÊNCIAS

- Ades, C., & Savalli, C. (2016). *Benefícios que o convívio com um animal de estimação pode promover para saúde e bem-estar do ser humano*. Barueri, SP: Manoli.
- Alves, E. G. (2012). Educação Para o Luto. Carta Fundaental. *Laurence. Análise de Conteúdo*, 56-57.
- Bowlly, J. (2006). *Formação e rompimento de vínculo afetivo* (4a. ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Brasil, M. D. (12 de dezembro de 2012). Conselho Nacional da Saúde. Resolução n. 466. *Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Brasília, DF, Brasil. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/reso466>.
- Bromberg, M. H. (1996). Luto: a morte do outro em si. In M. H. Bromberg, *Vida e morte: laços da existência* (pp. 99-122). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Caetano, E. C. (2010). As contribuições da TAA - Terapia Assistiva por Animais à Psicologia. (Trabalho de Conclusão de Curso).
- Casellato, G. (2015). Luto não reconhecido: o fracasso da empatia nos tempos modernos. In G. Casellato. *O resgate da empatia: Suporte psicológico ao luto não reconhecido* (pp. 15-27). São Paulo, SP: Summus Editorial.
- Casellato, G. (2015). O resgate da empatia. Suporte psicológico ao luto não reconhecido. In C. F. Prade, *A Arte como forma de expressão de luto não sancionados* (pp. 203-214). São Paulo, SP: Summus Editorial.
- Casellato, G. (2015). O resgate da empatia: Suporte psicológico ao luto não reconhecido. In D. Oliveira, & M. H. Franco, *Luto por perda Animal* (p. 91). São Paulo, SP: Summus Editorial.
- Casellato, G. (2015). O resgate da empatia: Suporte psicológico ao luto não reconhecido. In G. Casellato, & S. B. Cury (Ed.). *Luto não reconhecido: o fracasso da empatia nos tempos modernos* (p. 19). São Paulo, SP: Summus Editorial.

- Casellato, G., & Prade, C. F. (2015). O resgate da empatia: Suporte psicológico ao luto não reconhecido. In C. F. Prade. *A arte como forma de expressão de luto não sancionados* (pp. 203-214). São Paulo, SP, Brasil: Summus Editorial.
- Chelini, M. O., & Otta, E. (2016). Terapia assistida por animais. In C. Ades, & C. Savalli, *Benefícios que o convívio com um animal de estimação pode promover para a saúde e bem-estar dos humanos* (pp. 23-40). Barueri, SP, Brasil: Manole.
- Corrêa, D. A. (dezembro de 2012). Psicologia: teoria e prática. *Do luto ao sentido: aportes da logoterapia no espaço psicoterapêutico*, 14, (pp. 180-188). Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v14n3/v14n3a15.pdf>
- Delarissa, F. A. (2003). Animais de estimação e objetos transicionais: uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. (Dissertação de mestrado não publicada). Recuperado de [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/97655/delarissa\\_fa\\_me\\_assis.pdf?seque](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/97655/delarissa_fa_me_assis.pdf?seque)
- Doka, K. J. (1989). *Disenfranchised grief: recognizing hidden sorrow*. Nova York: Lexington Books.
- Dotti, J. (2005). Terapias & animais. In J. Dotti, *Terapias & animais* (pp. 22-161). São Paulo, SP: PC Editorial.
- Franco, M. H. (2002). “Uma mudança no paradigma sobre o enfoque da morte e do luto na contemporaneidade”. In M. H. Franco, *Estudos avançados sobre o luto* (pp. 15-38). São Paulo, SP: Livro Pleno.
- Franco, M. H. (2010). Por que estudar o luto na atualidade? In M. H. Franco, *Formação e rompimento de vínculos* (pp. 17-42). São Paulo, SP: Summus Editorial.
- Franco, M. H., & Oliveira, D. d. (2015). Luto por perda de animal. In G. Casellato, *O resgate da empatia: Suporte psicológico ao luto não reconhecido* (pp. 91-107). São Paulo, SP: Summus Editorial.
- Garcia, M. P. (2009). *Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*. Florianópolis, SC.

- Grant, S., & Olsen, C. W. (1999). *Preventing Zoonotic Diseases in Immunocompromised Persons: The Role of Physicians and Veterinarians*. 5, 159-163.
- Kovács, M. J. (2003). *Educação para morte: desafio na formação de profissional da saúde e educação*. São Paulo, SP: casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J., Vaiciunas, N., & Alves, E. G. (2014). Profissionais do Serviço Funerário e a Questão da Morte. *Psicologia. Ciências. Professor*, 34(4), 943.
- Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Revista Educação* (37), 7-32.
- Oliveira, D. d. (2013). *O luto pela morte do animal de estimação e o reconhecimento da perda*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: Estudos sobre a Perda na Vida Adulta*. São Paulo, SP: Summus Editorial.
- Parkes, C. M. (2017). *One Life Alive*. Recuperado de <https://www.onelifealive.org/sobre-luto-nao-reconhecido-e-o-papel-de-quem-cuida-do-enlutado/>
- Parkes, C. M., Laungani, P., & Young, W. (1997). Death and Bereavement Across Cultures. In W. Young, *Grief in small-scale societies* (pp. 27-51). London: Routledge.
- Strauch, V. R. (2017). Ressignificação da morte na abordagem psicodramática: perdas e ganhos no luto. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 25, 59-67. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-53932017000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932017000100006&lng=pt&nrm=iso)
- Wordem, J. W. (2013). Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais de saúde mental. In J. W. Wordem. *Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais de saúde mental* (4a. ed.). São Paulo, SP: Roca.

Recebido em 16/01/2021

Aceito em 02/09/2022